



O PROLETARIADO AMEAÇA A DITADURA SOVIÉTICA

A revolução soviética foi feita em 1917 em nome do proletariado e, supostamente, em seu benefício. Consumou-se dentro de um quadro ideológico que sugeria, dialeticamente, um constante movimento.

A luta de classes oferecia ao russo, miserável e sofrido no regime czarista, uma nova vida, de liberdade e de igualdade. Ninguém seria mais explorado por ninguém!

Depois de meio século, o regime dos "soviets" ultrapassou as fronteiras da URSS. Transformado em instrumento de expansão territorial, inquietou o mundo inteiro.

Promove, externamente, a bandeira do "progressismo" e fecha-se monoliticamente no seu próprio país. Mantém firme e intacta sua política de subverter o mundo e garantir suas próprias posições de domínio.

Estabeleceu um sistema, sem outra alternativa, apoiado no monopólio da Ideologia. Do discurso dos Socialistas do século XIX não restou, nem mesmo, a forma de tal discurso.

A "caminhada à frente", transformou-se numa corrida em círculos que volta à origem. Sem os czares, mas com a mesma falta de liberdade, o mesmo caráter estratificado da sociedade e o mesmo espírito conservador dos que antes dirigiam o país, surge, agora um certo nepotismo "à la russa", onde o filho de Brejnev é incluído no Comitê Central do Partido e seu genro, integrado ao alto comando da polícia secreta, a KGB.

Desde Lenin, o poder na URSS só muda de mãos pelo martelo do expurgo ou pela foice da morte. De qualquer modo, vem crescendo, nas chamadas Repúblicas Populares e, na própria União Soviética, os questionamentos ao modelo pronto e acabado que o todo poderoso Partido impõe a elas.

Alguns países do Leste Europeu já experimentaram a violenta reação do Kremlin. A Polônia cuja situação é, atualmente, considerada "muito tensa" pode ser a próxima, até mesmo, antes da transcrição desta entrevista que Helena Canrère d'Encausse, professora do Instituto de Estudos Políticos de Paris concedeu ao jornalista Jean Lartéguy, do Paris Match e que o Jornal do Brasil publicou no Caderno Especial de 07 Dez 80.

A análise que fez da situação no Leste Europeu, o levantamento objetivo que apresenta dos problemas que o sistema totalitário está enfrentando, naquela região, onde algumas fissuras são detectadas, bem como, o alinhamento de importantes repercussões que ali podem ocorrer, fazem de sua entrevista, um assunto de interesse para os leitores desta revista.

Em seu último livro você nos dá sobretudo uma imagem bastante segura do regime soviético.

— Realmente, o regime é relativamente seguro para os cidadãos e para o conjunto do pessoal político, para os grupos que, de perto ou de longe, participam do Poder.

Ele é de certa forma tranquilizador para o povo, depois do que passou sob Stálin, quando vivia em regime de terror. Desde a morte de Stálin, o povo sabe, será muito difícil uma volta ao Poder arbitrário, desde que ele, povo, se mantenha dentro dos limites exatos que lhe são fixados, que permaneça tranqüilo, que não conteste o sistema, que não fique fora das normas fixadas, de maneira legal ou extralegal. Cada pessoa pode fazer um pouco de câmbio negro, roubar um pouquinho e trabalhar o menos possível. Os cidadãos soviéticos são inteligentes o bastante para saberem o que têm direito de fazer, ou de não fazer, à margem das leis e regulamentos. O operário, por exemplo, sabe que pode furtar uma pequena quantidade de material em sua fábrica — e que o diretor pode roubar muito mais; a importância do furto torna-se então uma questão de hierarquia. Se o operário passa dos limites aceitáveis, cairá sob o braço da lei. Precisa saber perfeitamente as regras não escritas do jogo e nunca deixá-las de lado. Nisto, para o povo, tal regime é mais do que tranquilizador.

E é mais tranquilizador ainda para os que participam do Poder. Sob Stálin, arriscavam-se à morte a qualquer momento. Sob Krutchev, o risco era a demissão e o afastamento. Sob Brejnev, o emprego e a função são garantidas até a aposentadoria. E mesmo quando o camarada é demitido, conserva todas as vantagens materiais adquiridas; o camarada po-

de ser acusado de incompetência, mas não é processado criminalmente.

— Trata-se então de um regime burguês?

— Sobretudo estabelecido e fundamentalmente funcionalizado. O regime tornou-se aceitável porque cada um encontra nele um mínimo de segurança. Tudo está baseado nesta noção. Uma situação extremamente desmobilizante e que explica também a fraca performance da economia soviética. De que adianta trabalhar mais, *dar duro*, por um Estado que te garante um mínimo de segurança e mais nada? A sociedade soviética está bloqueada; o operário não pode sair de sua condição; daí decorre todo o drama. Voltaremos a isto.

— Isto nos ajudará a compreender a gravidade do problema polonês. Este sistema parou socialmente. Cada um deve ficar em seu lugar; sabe o que deve e o que pode fazer, mesmo fora da lei. Salvo aqueles que entram na espiral política do regime, onde as promoções estão praticamente garantidas, mas mesmo assim são lentas e algo difíceis, porque o Partido também é uma sociedade bloqueada.

— Este regime bloqueado não poderia levar os homens que estão no poder a tentar se perpetuar através de seus descendentes?

— Há dois tipos de nepotismo: aquele que assegura diretamente a transmissão do poder aos seus — um fenômeno pouco visto na União Soviética; mas pode-se perguntar se não está em vias de se tornar realidade graças à família Brejnev — e aquele que permite a uma classe se perpetuar num status privilegiado mas não obrigatoriamente nas posições de poder. Efetivamente o que se perpetua é a categoria social onde a pessoa se en-

contra e a capacidade de progredir. O operário só muito raramente pode transmitir a seus filhos algo além de seu status de operário. Quando se participa da esfera do poder, acrescenta-se a ela privilégios transmissíveis, entre os quais, fundamentalmente, o de franquear a seus descendentes uma educação melhor que lhes permitirá progredir. O dinheiro, na União Soviética, tem muito menos valor do que a posição social; daí o imenso interesse em transmiti-la como verdadeira herança ao permitir aos filhos dos dirigentes o acesso aos estudos superiores. Os filhos da classe dirigente formam a clientela principal das "escolas especiais", onde o nível de ensino é melhor. E que sobretudo, por definição (este é o princípio mas não é a realidade) são feitas para receberem os alunos mais bem dotados. Portanto constituem um verdadeiro caminho aberto para a Universidade e para os melhores cursos.

— Também, provavelmente, há "arranjos" para os exames. Por que todos os filhos da classe dirigente têm bons estudos e os outros não? Krutchev apontou esta injustiça, mas suas reformas neste sentido foram completamente sabotadas pela classe dirigente. Os operários, na época de Stálin, podiam progredir para posições superiores porque havia um perpétuo atrito. Mesmo sob Krutchev, que tinha pretensões de chegar à igualdade (mas que desordem!) isto ainda era possível.

— Hoje em dia é impossível aos filhos de operários mudarem de posição por causa da imobilidade do regime. Esta estratificação do regime é um fenômeno relativamente recente que se vem acentuando. A aspiração daqueles que ocupam os cargos é a de neles ficarem o maior tempo possível e depois transmiti-los a seus descendentes; do outro lado,

fica o rancor dos que sobraram diante dessa injustiça social. Esta é uma fonte duradoura de descontentamento para todos os maltratados, os "condenados da terra", aqueles que trabalham com as mãos.

— *Neste sistema bloqueado, o que representa Brejnev?*

— Às vezes tem a aparência de um Poder absoluto, e ele detém um verdadeiro poder em certos domínios. Um poder que seus colegas lhe atribuíram, que aceitam mas que é submetido ao acordo constante de sua equipe, um grupo restrito.

— *Quantos são os membros deste grupo?*

— No máximo uns 20 membros do Politburo e do Secretariado. Neste grupo quatro homens dominam, e chegaram juntos ao Poder; Kossiguin, Suslov e Kirilenko formam com Brejnev o "bando dos quatro", poderíamos dizer. Kossiguin se aposentou; seu sucessor, Tikhonov, não possui a sua estatura e é um protegido de Brejnev, um jovem de 75 anos de idade, cujas ambições devem já estar suavizadas pela idade.

— *Por que razão Kossiguin se afastou? Foi exonerado?*

— Não. Muito provavelmente por questões de saúde. Mas como era o responsável pela economia, que se está portando muito mal, a ocasião de seu afastamento será aproveitada para dar a entender que era o responsável pelos impasses e que, com seu afastamento, as coisas vão melhorar. Além do mais, era melhor não esperar sua morte. A morte de um governante no poder coloca o problema da idade de seus colegas e o de suas substituições.

— *Entretanto assistimos a um verdadeiro culto da personalidade de Brejnev, não é?*

— Brejnev adora todas as honrarias. Talvez receba mais honrarias do que Stálin recebia; e é tão aplaudido quanto o georgiano, com a diferença que Brejnev tem apenas o poder que lhe permitem ter. Encarna uma necessidade real em matéria de política externa e, neste campo, seus colegas o deixam desempenhar um papel dos mais ativos.

— Mas, em troca, Brejnev lhes garante a estabilidade, a segurança de emprego e vantagens iguais às suas. Quando se lê os jornais soviéticos, percebe-se que o maná chove sobre todo o grupo. As medalhas, que não são apenas de chocolate, representam vantagens concretas. Os direitos autorais recebidos por Brejnev são fabulosos. Suas obras são editadas com tiragens de dezenas de milhões — e o mesmo acontece com a de outros membros do Politburo. E isto representa somas consideráveis para pessoas que, além do mais, não têm a mínima necessidade de dinheiro, pois tudo lhes é dado pelo Estado.

— *Então o que fazem com estes rublos? Envia-mos para a Suíça?*

— Realmente não sei; mas posso contar que a Sra. Fourtseva, conselheira de Krutchev, foi acusada pelos colegas, depois de sua queda, de haver mandado construir casas suntuosas. Outro privilégio: poder viajar ao exterior, ter os olhos abertos para o mundo, receber livros e revistas, e poder lê-las abertamente. Estes privilegiados têm uma forma de vida completamente diferente do resto da massa. Vivem numa outra Rússia.

— *São os novos boiardos!*

— É a partir de um certo *status* que podem viajar ao exterior. Na Rússia

existe uma desconfiança ancestral por tudo o que é estrangeiro. Mas, quando a pessoa tem um certo *status*, a tentação deste mundo exterior passa a ser muito menor. Um alto funcionário soviético não tem o que invejar de seus colegas ocidentais: pode contar com carro com motorista, empregados domésticos, casas de campo, etc...

— *Então, assim Brejnev seria o guardião dos privilégios de uma casta?*

— Se ele permanece no cargo há 16 anos, é exatamente porque adotou esta atitude em relação aos que dispõem de privilégios e sabem que poderão, graças a ele, a si próprios e a seus descendentes, dispor deles eternamente. Brejnev é o reflexo das aspirações de sua classe. É um homem da máquina do Partido; esta é a sua principal virtude aos olhos dos que constituem a classe dirigente da União Soviética. O que não o impede, segundo Nixon, de ter mais personalidade do que os outros. O poder de Brejnev seria precário se não estivesse apoiado no consenso de seus colegas que representam a classe política em toda a sua diversidade mas sobretudo em seu desejo de ter segurança.

— *A burocracia soviética não parece com a da época dos czares e que foi denunciada por Gogol em suas peças, particularmente em O Inspetor Geral? Falava-se na velha Rússia do "quadro hierárquico". Que quadro era este?*

— Era a definição circunstanciada da hierarquia dos quadros civis e militares elaborada em 1722 e que permitia a partir de certos escalões enobrecer seus titulares. Por seu intermédio, Pedro, o Grande limitou os privilégios exclusivos na nobreza e fez do mérito um princípio de promoção social. Estes postos

eram chamados de "tchin", de onde surgiu a expressão *tchinounik* (que significa servidor público, funcionário).

— Não param de representar Gogol e *O Inspetor Geral* em todo o território soviético. Vocês se lembram da história: numa cidade de *província*, esperam a chegada do inspetor geral; um forasteiro de passagem pela cidade é tomado pelo inspetor e se deixa cobrir de presentes e comprar pelos funcionários corruptos.

— Atualmente há uma nova versão soviética de *O Inspetor Geral* que foi apresentada pelo cantor Raikine, com enorme sucesso, num pequeno teatro de Moscou. Nesta versão, a história se passa numa fábrica de província, onde a produção anárquica e de má qualidade (de pequenos coelhos de madeira para crianças brincarem) estava a tal ponto inaproveitável que ocupava galpões e mais galpões de depósito e tomava dezenas de vagões ferroviários devidamente imobilizados. Um belo dia, o diretor da fábrica acredita ter lido num jornal denúncias sobre a situação em sua fábrica. Cascatas de lamentações, punições de todo o tipo, demissões de alto a baixo em todo o quadro de pessoal, reuniões de crítica e de autocrítica. Todos prometem corrigir-se... até que se percebe que a fábrica denunciada pelo jornal era a do lado. Imediatamente tudo volta a ser como antes; a produção de coelhos é reiniciada, tão ruim e inútil quanto antes.

— *Este poder que é exercido mais por hábeis manipuladores do que por fortes personalidades descamba para a gerontocracia. Os catorze membros do Politburo, quase todos, nasceram entre 1900 e 1910. Será que assim não se arrisca a cair na mediocridade?*

— Este risco existe na medida em que a escolha é de dirigentes sobretudo seguros e estáveis. As fortes personalidades

que existiam na época de Lênin foram dizimadas por Stálin. A forte personalidade de Krutshev contribuiu para seu afastamento do Poder. Só sobreviveram politicamente os mais conformistas. O Poder é exercido por um clube de velhos senhores que se parecem, se vestem de forma semelhante, reagem da mesma forma porque passaram pelas mesmas experiências, porque receberam a mesma educação. São menos indivíduos do que representantes de grupos de pressão da burocracia. Num sistema paralelo, as personalidades fortes se tornam ameaçadoras. Há algumas, mas eles não podem se expressar durante muito tempo. Um exemplo: Chelepine era um personagem com características bem marcadas. Porque se destacava naquele ambiente grisalho não foi muito longe. Os atuais dirigentes da URSS são intercambiáveis.

— *Os jovens lobos tecnocratas, civis ou militares, não teriam a tentação de se colocarem por trás destes velhos senhores?*

— Esta tentação existe. Os postos do poder, realmente, correspondem a diversas faixas etárias; as promoções, dentro da hierarquia acontecem por antiguidade, de vez em quando vemos surgir um Gorbachof, que tem cinqüenta anos. Mas é colocado como encarregado dos problemas agrícolas, onde não poderá ser bem-sucedido, porque estes problemas são insolúveis. Assim, dá-se uma satisfação e uma esperança aos jovens tecnocratas, mas seu representante está praticamente sitiado dentro do Politburo. Certamente esta geração que agora está com cinqüenta anos e controla postos importantes no escalão regional, mas que deverá esperar dez ou vinte anos para chegar ao verdadeiro poder, impacienta-se. Cheios de privilégios, estes

“jovens” não pensam em questionar o sistema. São impacientes mas não são contestadores e sabem que são os herdeiros legítimos do poder. Não é da classe política que se pode esperar uma mudança.

Por outro lado, entre estes encontram-se homens que possuem uma experiência nova e que não é tão trágica quanto a de seus antecessores, uma experiência de outro tipo e da qual não sabemos o que esperar.

— *Este poder que ninguém da classe dirigente sonha contestar, esbarra contudo na dissidência, o que você chama de “pensamento alternativo” (“inakomyliachii”) de todos aqueles que desejam, de fora do aparato do partido, exercer pressões sobre ele. Entre eles, os intelectuais, temos grandes nomes como Soljenitsin, Zinoviev, Shakarov e outros. Mas muito mais profunda, segundo você mesma, é o “pensamento alternativo” das igrejas, dos povos não russos e, sobretudo, da classe operária. Como explica isto?*

— O desenvolvimento da consciência social se faz por etapas. Os grandes dissidentes foram os artesãos de uma destas etapas, quando se levantaram para proclamar que a verdade não estava com o Poder. Abriram uma brecha se aproveitando da desestalinização e da presença no Poder de Krutchev — que encorajava uma certa espécie de contestação, se bem que limitada. Krutchev não queria romper o sistema mas, ao contrário, lhe dar vida. Esta contestação foi feita por homens solitários, extraordinariamente corajosos. De suas vozes a sociedade soviética só ouviu alguns poucos ecos, porque eram vozes isoladas, e depois proscritas. Foi para os próprios dissidentes uma tragédia. Soljenitzyn agitou a consciência ocidental, mas os russos, que ti-

nam tanta necessidade dele, não o ouvem mais.

— Lydia Chukovskaia, grande escritora, filha de um grande escritor cujo nome é sagrado para todos os russos, atualmente está com mais de 70 anos de idade e possui apenas 25% de visão, estando quase cega, e não pode mais, por causa das posições que adotou, ser editada nem citada. Lydia declarou: “Não importa o que aconteça, ficarei aqui porque meu país precisa de mim”. O Poder soviético demonstrou grande habilidade ao se livrar dos “contestadores”.

— Uma nova etapa: uma parte importante da *intelligentsia* soviética se transformou através de uma emigração de interior. Em massa, os intelectuais veiculavam a cultura política oficial do Partido. Praticavam o realismo socialista, isto é, apresentavam uma imagem ideal, irreal, da sociedade soviética. Uma parcela cada vez maior destes escritores que não se apresentam como contestadores, acha que esta não é a sua função e sim que devem levar aos leitores sua mensagem pessoal. Assim surgiu, na União Soviética, toda uma literatura que o Poder, exceto em alguns poucos casos, não pode impedir que seja publicada.

— Contrariamente ao que acontece com as obras de Brejnev e as dos turiferários oficiais, as destes escritores (chamados Trifonov, Raspustine, etc.) são populares e são lidas. Eles pensam e escrevem “alternativamente” — *inakomyliachii* — obras que não têm qualquer lugar dentro do sistema soviético. Seus livros dizem respeito ao indivíduo e esvaziavam freqüentemente o socialismo. Criou-se uma diferença entre os grandes escritores que escrevem o que querem e os escritores “oficiais”.

— *Então é a negação de tudo o que o Estado soviético quer ser?*

— E do dogma — “fora do Partido não há salvação”. Já houve época em que os escritores eram expulsos da todopoderosa União dos Escritores Soviéticos (o sindicato dos escritores). Hoje em dia, são os escritores que, voluntariamente, se afastam dela, renunciando a todas as vantagens a que têm direito, perdendo a esperança de serem editados, arriscando-se a serem presos como incurso na lei contra a vadiagem e o parasitismo. Acontece que esses intelectuais, esses escritores se unem para publicar seus trabalhos juntos, para marcar sua comunhão de pensamento ou sua recusa de aceitar o conformismo oficial recomendado pelo sindicato dos escritores. Este é o caso do *Almanaque Metrópole*. O almanaque, no sentido russo do termo, é uma grossa revista de quinhentas páginas.

— Os intelectuais compreenderam que se devem unir fora dos organismos oficiais.

— Este fato novo, extremamente importante, inicia uma nova etapa histórica. Estes homens adquiriram o sentimento de que, face ao Poder, terão mais força unidos, sempre que isto seja possível. Porém os intelectuais constituem uma minoria fácil de dispersar, de aprisionar e de afastar do país. Mas isto não acontece com três outros grupos: as Igrejas, as nacionalidades e a classe operária, que compreenderam (como aconteceu com os intelectuais) ser preciso se unirem ante o Poder para poderem melhor contestá-lo.

— Tomemos as Igrejas. Todos os que visitam a União Soviética ficam surpresos com a atração exercida por todas as Igrejas sobre os cidadãos, especialmente as Igrejas mobilizadoras, como o catolicismo na Lituânia e na Ucrânia Ociden-

tal, onde elas são o refúgio de um nacionalismo vivo.

— O Islam age da mesma forma como meio de definição nacional e cultural. As mesquitas, como as igrejas e as sinagogas, são lugares de reunião. Então encontra-se todo um povo em busca de sua identidade, possuindo do desejo de encontrar outra coisa que não seja a cultura política que veicula o poder e que não responde às questões essenciais que o indivíduo se coloca quando reflete sobre seu destino.

— Os soviéticos sempre tiveram uma vida material extremamente complicada e difícil, mas conseguiram sobreviver. Assim, de agora em diante, eles podem refletir, enquanto na época estalinista não sabiam se estariam vivos ou seriam lançados nos campos de concentração do Goulag no dia seguinte. Estão também, hoje em dia, melhor educados. Seu desenvolvimento à margem da ideologia oficial é um fato grave, porque o regime soviético se baseia no monopólio do poder pelo Partido, que por sua vez é garantido por um monopólio ideológico. Portanto estes dois monopólios são postos em questão.

— Este movimento de curiosidade religiosa se estende cada vez mais, mas não sou capaz de afirmar se traduz a fé ou o desejo de pensar de uma forma diferente da oficial. Inakomyliachii — a vontade de evasão.

— Ainda neste caso, vemos esta necessidade de união. Pensar de uma forma diferente mas sozinho se torna rapidamente cansativo. Não se sabe em que pé está. As pessoas se sentem fracas diante da ideologia oficial. Daí decorre este gosto pelos locais de culto, onde podem se encontrar aqueles que pensam

diferentemente, em torno de ritos não mais aborrecidos mas sim cheios de poesia.

— Um simples sermão se torna um discurso "diferente" dentro de um país onde todos os discursos são semelhantes.

— As campanhas contínuas contra o ateísmo foram grandemente esvaziadas, apesar do descrédito do clero oficial ortodoxo, estritamente controlado pelo Governo — o que nenhum russo ignora.

— Mas nesta mesma igreja doméstica aparecem "homens diferentes", como o Padre Dudko, o Padre Yakunine, que não se ocupam apenas com os negócios divinos e acham que têm uma tarefa a cumprir: dizer a verdade, defender os direitos do homem. Não é por acaso que o poder tenta dobrá-los porque inquietam, por seu prestígio e sua autoridade moral que realçam de forma cruel o lado servil e conformista da igreja ortodoxa oficial. Os sermões do Padre Dudko tinham uma enorme audiência. Foi por isso que os obrigaram a se confessar publicamente pela televisão, numa tentativa de desonrá-lo.

— *O problema colocado pelas diferentes nacionalidades, creio que você abordou com todos os detalhes em seu livro L' Empire Éclaté.*

— E assistimos, quanto a isso, ao mesmo fenômeno que se registra nas igrejas. As nacionalidades são uma concessão temporária do poder, como a igreja. Devem evoluir para uma integração total com a comunidade soviética, e não apenas a nacional. Por outras palavras: as nações, como as igrejas, têm sido toleradas como restos de uma consciência social em via de transformação. Mas, na realidade, o sentimento de diferença nacional se reforça como o sentimento religioso, em nome dessa necessidade de

ser diferente dentro de uma sociedade que prega apenas a uniformidade. Mas, ao contrário do que acontece com as igrejas, ou com a *intelligentsia*, os homens no poder dentro destas nações às vezes participam deste sentimento que une toda uma população, da base ao cume da pirâmide. Os dirigentes políticos nacionais se envolvem no campo dos diferentes porque são tomados dentro desta dinâmica nacional que se desenvolve à sua volta. Solidariedades profundas unem, por instantes, o primeiro-secretário do PC do Cazaquistão, Kunaev, e o último dos pastores — solidariedades que tiram sua essência da língua, do patriotismo histórico...

— *Apesar de todo o esforço de "russificação"?*

— De russificação pela língua e que, sem dúvida, depois de tantos anos, já dá seus frutos. O Poder soviético acha que precisa andar muito rápido, lançar todas as suas forças, todas as suas possibilidades, na balança, para modificar a favor dos russos a estrutura lingüística do país.

— *Mas estas nacionalidades podem também manter suas línguas próprias?*

— Certamente, mas o Poder soviético considera que duas línguas não podem coexistir em igualdade, sempre uma terá superioridade sobre a outra. E como o acesso aos empregos de responsabilidade exige o conhecimento do russo, o poder coloca o problema para os dirigentes das nacionalidades: ou vocês falam russo ou enviaremos russos para preencher estes cargos. Esta linguagem cínica produz seus frutos. Uma língua cria um comportamento. Falar russo significa aceitar, conscientemente ou não, se conformar com o modelo soviético.

— *Quais são os resultados obtidos pelo poder? Ainda é impossível dizer,*

mas é certo que a nova geração estará lingüisticamente russificada dentro de alguns anos.

— Mas pode ser que tal política tenha efeitos contrários aos pretendidos. Poderá, depois de algum tempo, modificar consciências, mas também pode bloqueá-las. Assim, sendo os últimos censos oficiais, os estonianos hoje em dia falam menos russo do que antes e o que é pouco verossímil — suas performances negativas traduzem um sentimento de rejeição. Será que esta não seria a razão da verdadeira valsa de trocas do pessoal político nas repúblicas periféricas e que contradiz a estabilidade geral da administração soviética? Assistimos a expurgos caracterizados. Os expurgados são acusados de todos os pecados: prevaricação, mercado negro, roubo. Frequentemente os dirigentes regionais entram em choque com Moscou e fazem um jogo duplo invocando as pressões populares — como o secretário do PC da Geórgia — para exigir mais autonomia, tanto no campo econômico quanto no cultural.

— Estes sentimentos nacionais, repito, são cada vez mais vivos e profundos. O poder fez o papel de aprendiz de feiticeiro, achando que ao satisfazer estas reivindicações nos campos que não lhe pareciam fundamentais (como a cultura, a língua nacional, o conhecimento da história local, desde que bem controlado) não apresentava grandes perigos e até mesmo oferecia certas vantagens — pois assim teriam populações livres de suas frustrações e do sentimento de serem dominadas.

— A seguir pode-se passar ao estágio seguinte: a sovietação, onde tudo o que é nacional seria deixado de lado e a cultura russa teria o papel dominante.

— Mas por aquelas concessões foram dadas às nacionalidades os meios que nunca haviam tido para conhecerem seu patrimônio nacional.

— Os pastores do Cazaquistão falavam sua língua mas ignoravam suas origens. Agora conhecem o passado, lêem sua literatura e assistem aos programas de televisão transmitidos em sua língua.

— O poder, que involuntariamente favoreceu este conhecimento das culturas nacionais, gostaria hoje de voltar ao passado, mas as nacionalidades se recusam a aceitar qualquer contramarcha.

— Assim estas nações constituem blocos de “diferenças” contra os quais o poder não tem grande força.

— Mas acho que o perigo mais grave que ameaça o poder num futuro próximo está antes de tudo na classe operária.

— *Esta classe da qual o poder afirma tirar sua legitimidade?*

— E que a contesta. Digamos que se trata da facção jovem e mais bem-educada da classe operária.

Os operários mais velhos constatarem que hoje em dia vivem melhor do que no passado. Os que chegam do campo estão satisfeitos em se tornarem urbanizados, e em geral estão dispostos a aceitar suas posições atuais. Os jovens, pelo contrário, que passaram pelo menos por oito anos de escola, e às vezes 10, estão dramaticamente conscientizados de que não podem esperar sair de sua condição porque vivem numa sociedade muito imóvel. Esta parte da classe operária está descontente com suas condições de vida, com seu salário, acha que merece mais do que o trabalho ao qual foi condenada. Estes jovens se dão conta do descrédito que pesa sobre o trabalho manual e do qual não têm a mínima chance de escapar.

— O operário não é mais rei na União Soviética do que nas utopias e os jovens operários estão longe de se sentirem como o sal da terra.

— Não sabem também como seus filhos poderão escapar desta condição. Para eles e seus descendentes, não há poder nem esperança.

— Porque são jovens, dinâmicos, porque não conheceram nem os grandes expurgos nem as grandes fomes, se reboalam.

— Agora estes operários não estão mais ligados a seu trabalho como nos tempos de Stálin. Agora podem mudar de emprego. Desfrutam de uma grande liberdade de movimento que lhes é assegurada pela abundância de mão-de-obra.

— Mas em 1980 a produtividade continua baixa e a mão-de-obra começa a se reduzir: o Poder não sabe mais muito bem como reagir. E então tenta restaurar a disciplina no mundo do trabalho.

— Os operários agüentam muito porque sabem que aceitam sua fraca produtividade, mas se tentarem reduzir sua liberdade de movimento que, é verdade, desorganiza a vida nas fábricas, e eles forem obrigados a trabalhar mais, seu descontentamento aumentará muito.

— Hoje em dia é impensável o reestabelecimento da servidão estalinista. Sem ir tão longe, o Poder cogita colocar em prática uma série de medidas que iriam nesta direção. Mas isto foi antes da crise polonesa.

— *Qual é a porcentagem de jovens operários? Um terço, um quarto da classe operária?*

— Provavelmente a metade. Na URSS, a aposentadoria é aos 60 anos de idade. Se pensarmos que apenas 20% destes elementos ativos e educados são

revoltados em potencial, teremos, ainda assim, uma tremenda carga de dinamite.

— Além do mais, estes jovens operários também descobriram, por si próprios, que a união é necessária. Em 1978 e em 1979 foram criados dois sindicatos livres. O primeiro foi a Associação dos Sindicatos Livres da União Soviética, fundada pelo mineiro Klebanov. Esta associação foi rapidamente neutralizada e Klebanov foi logo internado num asilo psiquiátrico. A Associação Livre Interprofissional dos Operários (Smot) tomou seu lugar e contava com o apoio dos intelectuais. A Smot se mostrou mais prudente; também foi desmantelada mas talvez não totalmente, porque seus organizadores haviam estabelecido uma rede de educação e informação para os operários, composta por grupos disseminados em todo o país e trabalhando através de cassetes.

— Não se sabe o que aconteceu com a Smot. É lógico que alguns de seus membros foram presos, mas logo outros os substituíram.

— Como os sindicalistas poloneses, estes jovens soviéticos reclamam o direito de serem representados por homens escolhidos por eles mesmos e não pelos que lhes são impostos pelos sindicatos oficiais.

— Aí temos um elemento de tomada de consciência extremamente importante e o exemplo polonês serve ainda mais para encorajá-lo.

— *Mas será que o regime soviético, às voltas com sua própria contestação operária, poderia tolerar a criação de sindicatos livres na Polônia?*

— Os soviéticos, que sempre reconheceram a natureza explosiva deste país, freqüentemente toleraram na Polônia o que não aceitariam em outros lugares:

liberdades internas, religião, descoletivização da agricultura em até oitenta por cento. Mas nenhuma destas concessões chegou ao ponto de colocar em questão o regime socialista. Com a criação dos sindicatos operários livres a coisa assume outro aspecto. Estamos no centro do drama: um mundo operário que se organiza fora de um Poder que pretende encarná-lo e que deseja, através de suas próprias organizações, falar ao Partido e fazer pressão sobre ele.

— Fazer também grandes concessões seria em última análise possível se estas fossem mantidas em segredo e não afetassem as democracias populares do resto da Europa e na própria União Soviética. Mas neste caso o segredo é impossível.

— Está claro, nestas condições, que não pode ser obtido na Polônia um acordo durável nas bases desejadas pela classe operária. A história da Polônia prova que o poder comunista sempre encontrou a forma de tomar com uma mão o que dava com a outra. Nesta crise que se desenvolve, o próprio Partido ainda não foi tocado. Seu papel foi questionado, mas continua existindo, apesar de ter cedido algum terreno. Em todas as suas exigências, os operários poloneses ainda não atacaram a integridade do Partido. Sabedoria dos poloneses que sabem até que ponto podem ir? Sabedoria da Igreja que os aconselha?

— O Partido ainda pode mostrar que é capaz de controlar a situação. É ele que trata globalmente com os trabalhadores, retornando segundo os seus hábitos o que havia concedido.

— O fato de o regime ter feito inscrever na carta de constituição dos sindicatos poloneses aquela cláusula sobre a hegemonia do Partido Comunista representa um considerável passo atrás.

— E Kania, o novo chefe do Partido polonês, foi convocado para se apresentar em Moscou como um simples empregado doméstico.

— E provavelmente não foi para felicitá-lo por sua posse no cargo do primeiro-secretário do Partido mas sim para que lhe fossem estabelecidos os limites que não podem ser ultrapassados. Até agora não lhe pode ser imputada nenhuma derrota. Os soviéticos não intervirão militarmente na Polônia até que o chefe do PC tenha perdido o controle da situação — como aconteceu com Dubcek na Tcheco-Eslováquia, onde o Partido havia sido sacudido em suas bases. Até agora é este o caso do PC polonês. Ele existe, tanto que por um lado negocia com Moscou e por outro com os operários poloneses. Não há sinal de que os escalões intermediários da máquina do Partido estejam em vias de desmoronarem. Assim, acho que os dirigentes soviéticos deixarão Kania se encarregar da situação.

— E se Kania não puder controlá-la?

— Aí estaremos no desconhecido total. Pode ser que assistamos a uma intervenção militar que, do ponto-de-vista técnico, é realizável. Duas divisões soviéticas estão instaladas na Polônia. Mas a intervenção militar será a última carta a ser jogada pelos soviéticos — e isto só acontecerá quando acharem que a causa está perdida — pois os poloneses certamente vão reagir à invasão.

— A nação polonesa só sobreviveu até hoje porque sempre aceitou a idéia de lutar até o último homem. Ninguém sabe disso melhor que os russos.

— Além do mais, como tal intervenção seria recebida pela classe operária soviética? Uma coisa é fazer uma guerra no Afeganistão contra um povo longín-

quo e desconhecido, em condições que não estão muito claras; outra é lutar contra os operários poloneses.

— *Até que ponto os russos poderiam chegar em suas concessões?*

— Eles não podem permitir que este movimento de contestação operária chegue às outras democracias populares e que por esta contestação o Partido seja danificado ou perca sua hegemonia. Mas, enquanto estes limites não forem ultrapassados, os soviéticos poderão manobrar. A URSS possui aliados que podem fazer pressão sobre os poloneses e criar, por seu intermédio, diversos tipos de incidentes. Os tchecos ainda não perdoaram aos poloneses sua intervenção na década de 60; é a Alemanha Oriental ainda acha que parte do atual território polonês lhe pertence e o reivindica.

— Na verdade, os dirigentes das democracias populares ainda se sentem mais diretamente ameaçados do que os soviéticos. Existe na Romênia um movimento operário que se agita. Registram-se greves. A Tcheco-Eslováquia possui a mais sólida tradição operária e sindicalista entre todos os países do Leste. Na República Democrática Alemã notam-se inquietantes sinais de despertar da classe operária.

— *Então, como isso poderá ser controlado?*

— Se se admite que a intervenção militar é a última hipótese e que os dirigentes soviéticos evitam-na com horror, também se pode admitir que os satélites vizinhos, como a RDA, a Tcheco-Eslováquia, poderiam tentar intimidar a Polônia fechando suas fronteiras, isolando-a e asfixiando-a.

— A Polônia passa por uma crise econômica total e não se vê como poderia superá-la, tal é o tamanho de seu endivi-

damento externo. A luta dos sindicatos livres tem esta crise como pano de fundo.

— Uma sociedade não é constituída apenas por operários em greve. Possui famílias. É preciso que elas sejam alimentadas e aquecidas, o inverno agrava todas as dificuldades. Os grevistas obtiveram aumentos salariais que a inflação vai devorar. Chegará o momento em que o povo polonês fará suas contas e então se perguntará o que conquistou. Aí poderão surgir divisões entre o operariado, entre os mais radicais e os mais resignados.

— A Igreja vê este perigo e cuida para que não aconteça um choque. Parece ter compreendido que os sucessos obtidos não podem conduzir a uma vitória absoluta e que seria prudente, por enquanto, que todos se contentem.

Estas são as forças que defendem uma certa pacificação.

— *Mas os operários poloneses conservarão as vantagens obtidas?*

— O regime podará os aspectos políticos ou os esvaziará de seu conteúdo. Na verdade, não se pode fazer uma previsão. O que se pode dizer é que o roteiro das conquistas dos operários poloneses não pode desenrolar-se harmoniosamente. Portanto estas conquistas não podem durar muito. O fato de o Cardeal Wyszynski poder falar na televisão passa. A censura vai e volta. Todas as crises polonesas sempre acabaram em meias-vitórias, pois as concessões obtidas sempre foram devoradas pela inflação, quando se tratava dos salários, ou questionadas pelo Poder.

— Os soviéticos pensam que provavelmente acontecerá o mesmo desta vez.

— Mas a extensão das reivindicações da classe operária no interior da Polônia,

o perigo de disseminação dessa crise em todo o bloco comunista podem levar a uma repressão brutal. Todos os dirigentes dos diferentes países comunistas temem a extensão do movimento operário polonês. É preciso contar com a solidariedade da classe dirigente do escalão do Leste europeu. Nestes países as classes dirigentes gozam dos mesmos privilégios abusivos desfrutados por seus equivalentes da União Soviética e desejam transmitir esses privilégios a seus descendentes. E o movimento polonês também denunciou estes privilégios ligados ao Poder.

— Enquanto a coisa ficar no quadro de uma evolução controlada, os dirigentes soviéticos pesarão as vantagens e os inconvenientes de uma intervenção num país onde tudo é um pouco extraordinário mas onde a paciência sempre deu bons dividendos.

— Mas se o Poder descer às ruas, será o fim do sistema, pois acharão que os limites do tolerável foi ultrapassado.

— *O Poder soviético, minado de seu interior, nas mãos de velhos amedrontados, questionado pelos trabalhadores, no exterior se mostra como um instrumento de conquista extremamente eficiente o que tem obtido importantes sucessos. Ele se lança na Ásia, na África, no Oriente Médio em toda espécie de aventuras...*

— Estas nunca foram aventuras mas sim uma série de golpes preparados e que não poderiam, segundo o cálculo dos dirigentes soviéticos, colocar em perigo a paz mundial nem as suas relações fundamentais com os Estados Unidos. Até mesmo no Afeganistão, onde foram pesados os riscos e os lucros em potencial. A instalação do Poder soviético no Afeganistão bem valeu o boicote dos Jogos Olímpicos. Dito isto, vale pergun-

tar se os dirigentes soviéticos não teriam subestimado o custo daquela operação.

— O custo é muito elevado: soldados soviéticos morrem todos os dias; forças importantes estão imobilizadas, isto custa caro, e um país todo-poderoso parece incapaz de impor sua autoridade a um pequeno país que controlava antes da invasão, por meios muito mais baratos.

— *Será que não podemos chamar de aventuras planos em escala planetária, como a desestabilização da Europa e da África? Para os seus velhinhos prudentes me parece muita audácia...*

— Este é o lado notável daquela equipe, a contradição absoluta dessa dinâmica, dessa intervenção no plano internacional e esta falta de imaginação, esta inércia no plano nacional. Podemos constatar, não podemos explicar. Incapazes de fazerem funcionar corretamente uma fábrica, eles imaginam e colocam em prática uma política planetária extraordinária.

— A lógica enfrenta estes dois elementos contraditórios: apagar o fracasso interior, ao se projetar no mundo exterior, onde a URSS conquista sucessos impressionantes. E garante por este sucesso uma certa segurança. Não que tenha de se defender. Mas a URSS — e o caso é o mesmo para todo o campo socialista — é enfraquecida por suas contradições reais, profundas. Se fosse vista como nação fraca, desarmada, enfrentando problemas, a União Soviética seria rapidamente corroída. As democracias populares tomariam pé e logo se bandeariam para o Ocidente.

— *Se é que entendi bem, a URSS precisa inspirar medo para que sua fraqueza não seja descoberta e outros não se aproveitem dela?*

— A superpotência soviética, é fato, desanima seus adversários em potencial. Ninguém mais ousaria em 1980 fazer o que o General De Gaulle tentou em fins da década de sessenta. Chefe de um país médio, ele negociou diretamente com os países médios do Leste europeu, sem passar por Moscou. Para a URSS, este tipo de negociação não pode ser realizado fora de quadro do diálogo Leste-Oeste.

— Por sua audaciosa política externa, os dirigentes soviéticos obtiveram o reconhecimento absoluto de sua liderança sobre os países do bloco Leste. Foi posto um fim à esperança que a política audaciosa e notável do General De Gaulle havia feito nascer em todas as democracias populares. Estas acreditaram na possibilidade de existir uma Europa de potências médias, onde o fato de pertencer ao campo socialista não fosse uma limitação.

— O jogo planetário da União Soviética é mais complexo do que geralmente se acredita. Ele é feito em três zonas bem diferentes e sempre dentro do contexto geral das relações com os Estados Unidos. Não se sabe o que acontecerá amanhã com a potência norte-americana. A última moda é afirmar que prosseguirá inexoravelmente em sua decadência. Isto me parece duvidoso; seria esquecer a capacidade de recuperação daquele país e a capacidade que tem de periodicamente mudar de registro.

— Para a União Soviética, que não acredita nesse tipo de análise, os Estados Unidos permanecem como o grande concorrente.

— E o problema essencial continua sendo o de os EUA não tentarem desenvolver a China, transformá-la em grande potência econômica e militar nos próximos 20 anos e passarem a colocá-la no

lugar da URSS como seu interlocutor privilegiado.

— Neste contexto de relações soviético-americanas, que tem por pano de fundo permanente a China, existem aquelas zonas de que falei: a zona soviética propriamente dita, a Europa Oriental e inclusive o Afeganistão. Segunda zona: os países situados nas fronteiras da China, como a antiga Indochina que o Vietnã se esforça em unificar sob sua hegemonia.

— *Por conta dos soviéticos...*

— Digamos que sobretudo contra a China. O Vietnã é um aliado incômodo. Nestas duas zonas reservadas, nada de essencial é negociável. A Terceira Zona pode ser chamada de aberta: as regiões produtoras de matérias-primas e da energia de que depende o Ocidente: o Oriente Médio e a África. E, enfim, a América Latina e o Caribe. Esta zona do Caribe deve ser realçada, pois nela a URSS possui um notável meio de pressão sobre os Estados Unidos. A URSS colhe hoje em dia os benefícios da política de Kruschev. Ao trocar em 1962 uma humilhação (a retirada dos foguetes soviéticos baseados em Cuba) pela manutenção do regime de Fidel Castro, a URSS fez um bom negócio: instalou a revolução na porta dos Estados Unidos e criou a possibilidade de desestabilizar este continente. Em 1962, parecia que John Kennedy havia vencido Kruschev. A história demonstrou exatamente o contrário. Mas o Caribe permanece como uma zona aberta. Lá, os fracassos e os sucessos se sucedem. Tudo pode ser colocado em questão e negociado.

— A Europa Ocidental é outro problema. A URSS procura menos desestabilizar do que instalar regimes.

— *Fracos...*

— Digamos amistosos.

— *Amistosos ou finlandizados?*

— Finlandizar a Europa me parece um objetivo difícil de ser realizado. A URSS gostaria de ver uma Europa que não fosse comunista, pois tem necessidade de sua eficiência, mas que lhe seja sempre favorável. Como alcançar este objetivo? Não sabe. Basear-se por um lado na Alemanha, por outro na França...

— *Está quase provado que ela manipula o terrorismo internacional nesta direção.*

— Digamos que a URSS o recupera.

— O terrorismo é muito complexo, ninguém pode controlá-lo. Organizá-lo também é muito perigoso; ele foge ao controle. Ou pode encontrar um terreno muito favorável nas sociedades autoritárias como as do Leste europeu. Os dirigentes soviéticos ficam roxos só de pensar nisto. E são impiedosos em suas ações contra o terrorismo — pelo menos em casa.

— *Para executar esta política audaciosa...*

— Mas não aventureira...

— *... Os velhos do Kremlin precisam ter solidamente em suas mãos os instrumentos para esta política: o KGB e o Exército.*

— O Poder político não controlou o KGB durante um longo período de tempo, durante o qual foi essencialmente o instrumento do poder de Stalin.

— O KFB é ao mesmo tempo uma espécie de FGB, organismo de política interna, e de CIA, encarregado da espionagem e de executar uma determinada política externa por meios particulares. Seu poderio vem sendo reduzido progressivamente a partir da morte de

Stalin. Além do mais, agora é controlado pelo Partido: seu chefe é um homem da máquina partidária. O KGB tornou-se, tanto no exterior quanto na URSS, um instrumento dócil da política do Partido e já não possui mais sua política independente.

— *E o exército?*

— É muito mais importante, muito mais interessante do que o KGB, por causa de seu *status* moral e material. Mas também é um instrumento. Tem para si o objetivo de ser um exército profissional; tem a glória de ter sido vitorioso na Segunda Guerra Mundial, e estas lembranças são constantemente rememoradas. Dispõe de privilégios consideráveis e é um grupamento social especial que vive em circuito fechado, que possui um grau de educação elevado e que não deixa de progredir. Casta fechada, o exército assim mesmo impregna a sociedade civil nas escolas onde se ocupa da preparação militar para a defesa civil. Faz parte do modelo social oferecido às crianças. A novidade é o fato de estar ultrapassando seu papel tradicional, aquele que lhe havia sido determinado por Stalin. Propaga valores morais, patrióticos e militares que não são necessariamente os do Partido.

— *Voltemos à crise polonesa. O exército soviético não poderia ser favorável a uma intervenção brutal?*

— O exército está globalmente de acordo com todas as opções da política externa, na medida em que reforçam seu papel e seu lugar na nação, que aumentam seu orçamento e desenvolvem sua capacidade como grupo de pressão, ainda mais quando se trata de operações realizadas longe e que não constituem um caso de perigo de extremo, como acontece em Angola. Para uma interven-

ção extremamente perigosa, como seria uma operação na Polônia, é duvidoso que o exército vermelho se lançasse a ela com muito entusiasmo.

— *E isto seria um perigo para o Partido?*

— O exército tem interesse em manter um sistema que o alimente e lhe dê toda espécie de possibilidade de pressão sobre este mesmo sistema.

— Não tem o mínimo interesse de buscar uma modificação da sociedade.

— Os operários, pelo contrário, representam uma verdadeira ameaça em potencial por causa de suas desilusões. Tudo partirá deles. Foi em nome deles que a Revolução foi feita. E se agora resolvem eles mesmos fazer sua revolução?